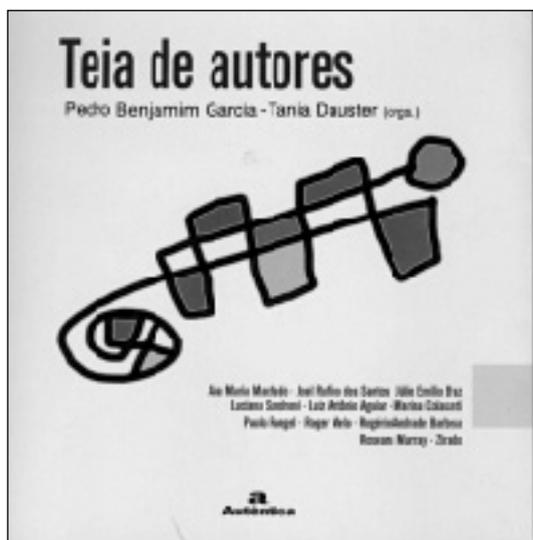


LITERATURA INFANTO-JUVENIL: LER É MAIS IMPORTANTE QUE ESTUDAR?

Andréa Pavão
Doutoranda em Educação/PUC-RJ



GARCIA, Pedro Benjamim e DAUSTER, Tania (orgs.). *Teia de autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 180 p.

Teia de autores é resultado de uma pesquisa acadêmica interessada no papel da escola na formação do leitor, seus limites e possibilidades. Apresenta relatos de onze escritores profissionais de literatura infanto-juvenil – pessoas que construíram sua identidade escrevendo para crianças e adolescentes. Como Ana Maria Machado faz questão de dizer, “são autores e comem!”, fazem deste ofício seu meio de vida. É possível viver de literatura infanto-juvenil no Brasil? Dá para comer, consumir livros... e, pelo visto, ter muito prazer. No entanto, os organizadores do livro se perguntam: Como está sendo valorizado, em

nosso país, um ofício de grande importância, voltado aos leitores em formação, que não consiste apenas em publicar, mas também em visitar escolas, dar palestras para estudantes, pais e professores?; metiê que deve construir a legitimidade do escrito por meio de prêmios e adoções? Os entrevistados são unânimes a este respeito: para o ofício se viabilizar de forma profissional, é preciso que o autor seja adotado.

Adoção é um termo comum entre escritores e significa ter seu livro utilizado pela rede escolar, podendo ser vendido em escala comercial. Desta forma, a identidade da literatura infanto-juvenil está intrinsecamente relacionada à atividade escolar e suas demandas.

Não sabemos se isto é bom ou ruim. É como funciona o mercado, o que o sustenta. No Brasil, o profissional engajado na formação do leitor – para os entrevistados, sinônimo de construção de cidadania – é alguém que precisa ser adotado pela escola para desenvolver seu trabalho. Mas, apesar de a adoção garantir sua sobrevivência, autores entrevistados fazem ressalvas quanto à obrigatoriedade da leitura, à falta de autonomia dos jovens para fazer suas próprias escolhas e ao engessamento do gênero imposto pela escola.

A maioria dos entrevistados reconhece a importância da escola na formação do leitor, especialmente em camadas populares, onde a maioria das famílias não dispõem de recursos financeiros e culturais para oferecer, dentro de casa, ambiente propício à formação do leitor. Apesar de elogiarem os projetos de políticas públicas de formação do leitor, são unânimes em dizer que são insuficientes, apontando o incremento de bibliotecas públicas como caminho mais efetivo e democrático, principalmente pela questão da autonomia do leitor, sua liberdade de escolha. Quanto à vitalização de bibliotecas públicas, Ziraldo é cético: não há interesse do governo em investir em um “negócio” onde “não vai levar nenhum”.

Além destas instigantes reflexões sobre políticas públicas de formação do leitor em um país de imensas desigualdades, este livro nos traz maravilhosas surpresas e aponta para uma triste realidade: o acesso à leitura ainda é privilégio dos detentores do poder e de seus filhos.

Mais que um relato de pesquisa acadêmica, dá-nos a oportunidade da leitura em sua gratuidade, interessando aos profissionais envolvidos com o tema da leitura e também aos leitores e escritores em geral. Uma oportunidade riquíssima para nos reencontrarmos com nossas próprias trajetórias como leitores e escritores, um manual – em seu melhor sentido – para pais e educadores engajados na formação de futuros leitores/escritores.

O que forma um leitor? “Causos” contados à mesa, em refeições, histórias antes de dormir, gestos compartilhados de leitura, discussões sobre leituras variadas, uma professora “maluquinha”, um espaço de recolhimento – uma hepatite, por exemplo –, livros proibidos, livros da vizinha, acesso a bibliotecas, cinema, vídeo, televisão... gibis. Na trajetória destes grandes leitores-escritores, a magia da leitura é associada a imagens. É interessante também que não há consenso em relação aos gêneros literários nas práticas leitoras dos entrevistados: uns lêem jornais; alguns gostaram de Lobato, outros não; há quem goste de romance, aventura, literatura policial, histórias em quadrinhos, poesias etc.

Em um primeiro momento, senti a ausência de um capítulo de discussão, de acordo com a tradição do gênero acadêmico. Após me enredar nestas onze histórias de vida – de Ana Maria Machado a Ziraldo, incluindo todos os feras da literatura infanto-juvenil –, entendo que os depoimentos falam por si. *Teia de autores* pode ser lido como um romance. É um livro sem ficha de leitura, uma obra aberta para ser saboreada, para aguçar mentes curiosas. Cumpre plenamente a função da leitura. Quem conhece seus organizadores não se surpreende com o presente que nos prepararam e que, em 2001, mereceu um certificado de altamente recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. É tê-lo em mãos para conferir!